

## **Inseridos ou por fora: agentes comunitários de saúde e imigrantes em São Paulo**

Emily S. Pingel (Emory University e USP)

As desigualdades sociais influenciam a saúde através dos mecanismos de renda, status e poder, pois esses elementos são distribuídos de forma desigual entre raças, etnias, classes, gêneros etc. Dado seu sistema nacional de saúde - o SUS - Brasil está bem posicionado para abordar questões de equidade em saúde. Em teoria, mas nem sempre na prática, todos os cidadãos brasileiros têm acesso a serviços de atenção básica. Estrangeiros que residem no Brasil conseguem, frequentemente, acessar esses serviços.

Para entender como o atendimento ao paciente se desdobra em toda a diferença sociocultural e linguística, estou realizando 15 meses de trabalho de campo etnográfico no centro de São Paulo, no bairro do Bom Retiro, cuja população de pacientes é composta de imigrantes de vários países (como Bolívia, Coréia e Portugal), migrantes do norte e nordeste do Brasil, e os próprios paulistanos. Na pesquisa, eu mostro como profissionais de saúde - incluindo agentes comunitários, médicos e enfermeiros - constroem entendimentos racializados de pacientes baseados em sua participação em grupos étnico-raciais que, por sua vez, moldam sua abordagem ao atendimento ao paciente. Eu também investigo as práticas organizacionais cotidianas dos agentes comunitários de saúde, à medida em que buscam significado em seu trabalho, dentro de uma abordagem neoliberal da gestão da saúde. Com o apoio do Prêmio Fulbright de Pesquisa, do Boren Fellowship e da equipe de saúde comunitária do Bom Retiro, estou concluindo um estudo etnográfico desses processos utilizando a observação participante - tanto dentro da clínica quanto fora da vizinhança - paralelamente a entrevistas em profundidade com pacientes e profissionais. Esses dados servirão de base para minha tese no Departamento de Sociologia da Universidade de Emory.